

LUTAS PELA DECOLONIZAÇÃO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO GÊNESE DA ABORDAGEM TRIANGULAR DO ENSINO DAS ARTES.

Ana Mae Barbosa

A América Latina - e especialmente o Brasil - está condenada ao colonialismo cultural há séculos, embora tenhamos uma história de constantes lutas pela emancipação, liberdade de criação e busca de reconhecimento internacional.

No Brasil, podemos construir nossa história da arte a partir das lutas artísticas em busca da decolonialidade e assim instituir nossa cronologia sem nos submetermos a classificações e tipologias europeias. Faço meus alunos, como um exercício, rastreamos a nossa História da Arte do ponto de vista da Descolonização/Decolonização¹ desde o início do século XX. Cada movimento descolonial da Arte no Brasil gerou abordagens metodológicas direcionadas ao seu ensino. Podemos sistematizar essa história com a seguinte denominação na sequência de tempo a partir de 1900:

1) Indianismo e nacionalismo - Este movimento foi ridicularizado pelo exagero que atingiu, transformando-o em orgulho excessivo, desmedido, ufanismo com intenções de congelamento de posições de opressor e oprimido na sociedade e instrumento político de direita. As correntes internacionalistas mediadoras dos insidiosos processos de colonização “jogaram a água do banho com o bebê dentro” condenando artistas e professores que buscavam refletir sobre nossa cultura da mesma forma que condenaram aqueles que usavam esta mesma realidade para nos paralisar exaltando a pátria. Artistas e professores que operavam o equilíbrio multicultural e um nacionalismo crítico ou bem humorado como Theodoro Braga (1872- 1953) e Manoel Pastana (1888-1984) foram relegados ao ostracismo. Defenderam a adesão à linguagem internacional, mas os temas escolhidos eram ligados à nossa flora e fauna e os textos deles analisavam nossa cultura, não a celebrando gratuitamente. Este movimento foi radicalmente renegado.



Figura 1: Theodoro Braga, Jarros de cobre e latão, decoração Marajoara. Fonte: Catálogo da exposição *Tradição e Ruptura*, Fundação Bienal de São Paulo, novembro de 1984 - Janeiro de 1985, p. 38

¹ Uso o termo DESCOLONIZAÇÃO para os movimentos anteriores a 1990 e DECOLONIZAÇÃO para os movimentos a partir de 1990

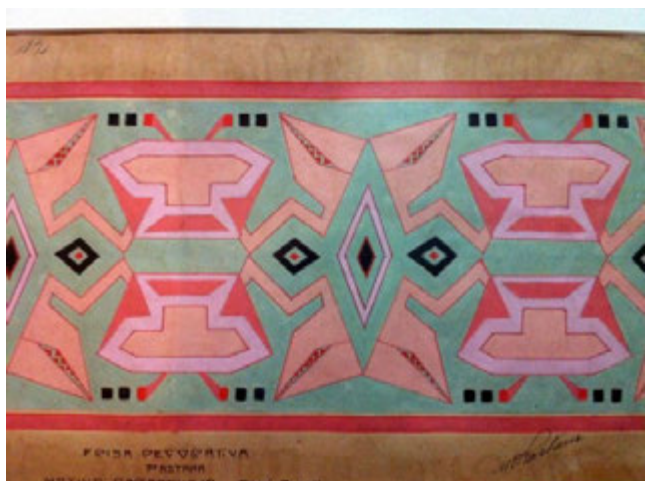


Figura 2: Design decorativo com tema de caranguejo de Manoel Pastana, Pará. Fonte A **"VOZ DO SANGUE" DE MANOEL PASTANA: ÁLBUM DO ARTISTA** de Renata de Fátima da Costa Maués /UFPA e Rosângela Marques de Britto /UFPA, 27º encontro da ANPAP, 2018.

2) Modernismo antropófago e Regionalismo nordestino –

A hegemonia de São Paulo se impôs no Sul, mas no Nordeste lideraram, a partir de Pernambuco, as ideias de Gilberto Freyre (1900-1987) e a obra de Vicente do Rego Monteiro até certo ponto divergentes (1899-1970) e sua ação cultural². O Marketing Cultural paulista, o processo de transformação industrial e a capacidade de se arremeter como grupo, foram fortes o suficiente para consagrar a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo como início do Modernismo, mas modernismos multifacetados ocorreram antes especialmente no Rio de Janeiro. Mais radical como marcador temporal do Modernismo foi o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (1890-1954). Como disse José Miguel Wisnik um agudo crítico culturalista:

Oswald de Andrade distinguia a alta e a baixa antropofagia. A alta antropofagia reside basicamente na capacidade de "ser outro" ao reconhecer o outro em si (trata-se de uma operação de rigor, que não se confunde com a indiferenciação do consumo onívoro, nem com o ato de comer e "vomitar" influências).

[...] Já a baixa antropofagia, ele resumiu, no "Manifesto Antropófago", em quatro palavras: inveja, usura, calúnia e assassinato. Não é difícil reconhecer essas forças nefastas no panorama atual, na forma da cultura do ressentimento (inveja), do liberalismo oportunista (usura), das fake news (calúnia) e da necropolítica ostensiva (assassinato)³.

² Em 1930, Vicente do Rego Monteiro, fez em Recife, a primeira exposição de Arte Moderna Europeia na América do Sul, que depois foi para São Paulo.

³ Artigo na Folha de São Paulo por ocasião da comemoração dos 100 anos da Semana de Arte Moderna, em fevereiro 2022.

Entretanto, o modernismo antropofágico também fracassou na sua função descolonizadora pela ação da ditadura nefasta do "Estado Novo" (1937-1945). Os primeiros modernistas não se preocuparam muito em preparar o público para a recepção da obra de Arte moderna, a preocupação maior era o produtor, o artista. Os modernistas de São Paulo quando vaiados se orgulhavam e vaticinavam "que o povo ainda iria comer de seu biscoito fino". Contudo, geraram para o ensino da Arte o duradouro Movimento de Educação Expressionista, defendido por Mario de Andrade (1893-1945) e Anita Malfatti (1889- 1964).

O modernismo foi fundamental para o reconhecimento da Arte das mulheres. Os críticos homens defenderam acerbamente a arte das mulheres, quando atacadas por críticos conservadores, como foi o caso de Anita Malfatti.

A arte/educação modernista no Recife não foi subordinada ao movimento paulista. Lula Cardoso Ayres (1910-1987), muito ligado a Gilberto Freyre, realizou uma experiência expressionista com crianças, visitada por Augusto Rodrigues antes dele criar a primeira Escolinha de Arte no Rio de Janeiro (1948), que gerou o Movimento Escolinhas de Arte muito difundido por todo o país.



Figura 3. Vicente do Rego Monteiro - O ANTROPÓFAGO, 1921 (Col. Elza Ajzenberg).



Figura 4. Tarsila do Amaral, ANTROPOFAGIA, 1929 .

3) Movimentos de Redemocratização e Educação Popular

A partir do fim da Ditadura do Estado Novo (1945), vários movimentos de libertação política e cultural explodiram no Brasil aproximando estudantes, artistas, intelectuais, políticos, igreja, etc. A década de 1950 é considerada a década dourada do Brasil. A Educação Popular passou a interessar a todos e a década terminou sob o impacto das ideias de Paulo Freire sobre Emancipação Cultural, Educação e Política. Vimos o retorno ao Expressionismo em Arte/Educação (combatido durante o Estado Novo), além de enorme impulso a outros experimentos em ensino da Arte.

Este período ainda precisa ser melhor estudado a respeito das conquistas autóctones para o Ensino das Artes, embora influenciadas por autores europeus e norte-americanos, que por serem revolucionários são desterritorializados, como John Dewey.

A Influência de Dewey penetra através dos brasileiros, que foram estudar no Teachers College da Columbia University especialmente de Anísio Teixeira.

Influência é escolha pessoal ou de grupo, que se mescla com cultura local enquanto decisões e programas legais ou oficiais impostos ao sistema educacional foram instrumentos colonizadores.

Um dos melhores produtos da década de 50 foi um Projeto de Ensino do Desenho para os ginásios de Lucio Costa⁴, nunca oficialmente posto em prática, pois outra ditadura impediu a nossa emancipação cultural, prendeu, torturou, matou e exilou grande parte da inteligência brasileira, inclusive Paulo Freire em 1964.

4) Teoria da Dependência –

A década de 1960 foi o tempo da crueldade na América Latina. Se a década de 1950 significou os anos dourados para a cultura brasileira, as décadas de 1960 e 1970 são os anos de chumbo. Ditaduras militares espalharam o medo e a morte. Mas intelectuais da América do Sul, chilenos, brasileiros e argentinos, exilados no Chile instituíram brilhantemente a Teoria da Dependência, que acalentou os espíritos rebeldes dos que ficaram. Mas essa teoria ruiu quando um dos sociólogos revolucionários começou a exercer o poder na redemocratização. No exercício da política educacional ele foi tão colonizador como os próprios colonizadores. Estudei a teoria da Dependência em minha tese de Doutorado nos Estados Unidos, mas essa foi uma parte que a decepção me impediu de traduzir e publicar no Brasil.

⁴ Lucio Costa foi criador do projeto da cidade de Brasília. Seu projeto de ensino de desenho era de influência bauhausiana, mas em entrevista a mim concedida ele negou que na época conhecesse a Bauhaus

5) Tropicalismo e Movimento Armorial.

Ainda em plena ditadura surgem os Movimentos Tropicalistas do eixo Bahia-Rio-São Paulo, de força indomável até hoje na música e o Movimento Armorial liderado por Ariano Suassuna em Pernambuco, ambos decolonizadores. Um dos mais importantes tropicalistas, o cantor e compositor Caetano Veloso, escreveu agora em 2021 o prefácio do livro de Domenico Losurdo traduzido em português “Colonialismo e luta anti-colonial” o qual representa um manifesto contra o colonialismo. Nas Artes Visuais das quais estamos tratando, o Tropicalismo encontra em Hélio Oiticica sua definição, enquanto Francisco Brennand define o Movimento Armorial. São dois movimentos que se enraizaram, ultrapassando seus espaços geoculturais, apesar do esforço dos conservadores do Nordeste bi-colonizado (colonização internacional e colonização nacional do sudeste) e da ultra direita do Sudeste para destruí-los, Hélio Oiticica transformou sua construção plástica no contato com a cultura do Morro (Favela da Mangueira) e sua Escola de Samba, mas em uma performance com os moradores do morro no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM) eles foram expulsos do Museu. Os museus do Brasil foram exclusividade das elites e só agora, no século XXI, começam a se deixar convencer de que todos têm direito à Arte. O MAM do Rio de Janeiro está programando um evento reparador com os moradores da Mangueira. O Itaú Cultural criou um projeto denominado Ocupação, que é um exemplo de experiência expositiva decolonizadora. Homenageia grandes figuras de nossa história, artistas, arquitetos, designers, bailarinos/as, músicos, etc. em instalações que rompem com a hegemonia europeia do cubo branco. Entre setembro a dezembro de 2021 realizaram a Ocupação Paulo Freire, que demonstrou a função decolonizadora de suas ações e ideias.



Figura 5. Hélio Oiticica com moradores da Mangueira vestindo seus parangolés

Foto divulgação [Filme “Hélio Oiticica”, de César Oiticica Filho].
Fonte: Vitruvius <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/17.117/6566>



Hélio Oiticica em um metrô nos Estados Unidos com os Parangolés. Fonte: Google Images.



Francisco Brennand representativo do Movimento Armorial liderado por Ariano Suassuna no Nordeste, que reconheceu a Cultura Popular com o mesmo valor da Cultura hegemônica europeia, desde a Idade Média. Fonte: Google Images.

6) Os Pontos de Cultura

Os Pontos de Cultura foram criados num Ministério da Cultura, quando Gilberto Gil - um tropicalista, era ministro. A partir de 2007, com o Programa Mais Cultura, se expandiram e foram firmados convênios com 26 estados e 64 municípios.

Os Pontos de Cultura eram Instituições da sociedade civil sem fins lucrativos, como associações, cooperativas e organizações sociais que realizavam atividades culturais em suas comunidades, por mais básicas e modestas que fossem. Podiam se candidatar ao título de Ponto de Cultura e receber apoio financeiro para pesquisa, ações, publicações etc. Os Pontos de Cultura eram reconhecidos por meio de chamada pública e seleção feita pelos Estados ou Municípios em parceria com o Ministério da Cultura. Os pontos de Cultura geraram muitas pesquisas sobre as culturas do Brasil e também publicações. Antes dos Pontos de Cultura havia a lei que obrigava na educação básica conteúdos de cultura afro, de cultura indígena e local, mas não havia material informativo para os professores basearem suas aulas.

No Rio de Janeiro a instituição privada sem fins lucrativos TEAR reconstruiu a Arte/Educação na perspectiva local, considerando a Arte europeia e norte-americana branca como estudos de caso e não como modelo a ser imitado.

A Bahia contava com 340 pontos de cultura, dando enorme visibilidade à cultura afro. O inventor dos Pontos de Cultura foi Célio Turino, que hoje é consultor de programas semelhantes na América Latina como no Peru, onde o protejo foi muito bem implementado. No Brasil o Ministério da Cultura foi eliminado no governo passado e só agora em 2023, foi reconstruído pelo governo Lula.

Estou consciente de que esta minha análise dos movimentos descoloniais e decoloniais na Arte e Arte /Educação está operando ainda numa zona fronteira entre aceitação hegemônica e o esforço de afirmação cultural identitária. A exposição que se realizou em 2022 no SESC SP "Raio que o Parta: Ficções do modernismo no Brasil" mostra os movimentos periféricos se contrapondo em relação a hegemonia cultural europeia.

Este mesmo movimento periférico embasou a gênese intercultural da Abordagem Triangular e seu caráter de instrumento decolonizador através da CONTEXTUALIZAÇÃO, que tem raízes na obra de Paulo Freire, plantadas desde os anos 50 e recultivadas a partir da redemocratização dos anos 80.

Em 1980 Paulo Freire com suas ideias transformadoras e descoloniais voltou para o Brasil do exílio depois de 16 anos. Foi recebido com aplausos apoteóticos aonde

aparecesse ou falasse. Para ele o colonialismo transforma os seres humanos em opressores e oprimidos e se falharmos em conscientizar os oprimidos de sua situação social eles alimentarão o desejo de ser opressores e o serão se houver oportunidade. A educação conscientizadora pode romper o círculo vicioso.

Algumas pessoas fazem questão de lembrar que Freire nunca escreveu sobre Arte ou Arte/Educação, mas suas obras oferecem especialmente aos Arte/Educadores inúmeras pistas pelas quais seguir em direção a uma educação artística liberadora da imaginação, estimuladora dos sonhos, consolidadora do pensamento crítico e descolonizador.

Fui aluna de Paulo Freire aos 18 anos. Ele foi meu professor de Português e de Teoria da Educação. Através Freire conheci a Escolinha de Arte do Recife, quando ele era presidente da instituição e Noêmia Varela era diretora. Apesar de continuar estudando Direito logo me tornei estagiária e professora da Escolinha de Arte do Recife. A EAR fazia parte do Movimento Escolinhas de Artes liderado por Augusto Rodrigues, sempre apoiado por mulheres arte/educadoras muito ativas e estudiosas como Noemia Varela⁵.



Figura 6. Paulo Freire e Noêmia Varela

Paulo Freire visitava constantemente a Escolinha de Arte do Recife, seus filhos estudavam lá, assim como os filhos dos intelectuais mais ativos da cidade. Não tínhamos uma situação ideal do ponto de vista de inclusão social, pois a Escolinha era privada e para compensar o complexo de culpa que tínhamos e para heterogenizar os grupos de alunos, dávamos muitas bolsas de estudo para crianças e adolescentes, cujas famílias não podiam pagar.

A epistemologia de Paulo Freire está baseada na conscientização e no diálogo que levam à descolonização de si e da história e nós o seguíamos. A própria designação

⁵ No livro *Mulheres não devem ficar em silêncio* há dois artigos sobre Noemia Varela. O Movimento Escolinhas de Arte chegou a ter 144 escolinhas, das quais 100 no Brasil, 2 na Argentina, 1 no Paraguai e 1 em Portugal. Várias ainda sobrevivem no Brasil e a do Paraguai é muito ativa.



Figura 7. Escolinha de Arte do Recife hoje dirigida pelo Professor Dr. Everson Melquiades (UFPE).

da área, Arte/Educação, foi criação autóctone, enquanto as línguas anglo-americanas e latinas usavam e continuam usando a terminologia Educação Artística. Talvez a designação brasileira Arte Educação (escrevemos também Arte-Educação e Arte/Educação) tenha sido influência da norte-americana Margareth Spencer, que criou a primeira Escolinha de Arte com Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro em 1948. Segundo diz a lenda, ela lutava contra a tendência da época de copiar os Estados Unidos. Hoje é difícil dizer o que foi criação de Augusto Rodrigues e o que foi criação das brilhantes mulheres que trabalharam com ele, pois por quase 50 anos elas foram sendo gradativamente apagadas da história, enquanto a imagem de Augusto Rodrigues vai sendo cada vez mais comemorada. Por isso, Vitoria Amaral e eu publicamos uma pesquisa sobre as Arte/Educadoras dos anos 50/60.

Contudo, agora no século XXI os cursos de Arte das Universidades brasileiras são mais colonizados teoricamente pela Europa do que pelos Estados Unidos, mesmo quando se contrapõem ao outro Deus que é o mercado. Parece que os professores humanistas nas Universidades julgam que a bibliografia francesa dá mais status intelectual aos estudantes. Colonizados por seus professores, os alunos muitas vezes se tornam filiais de Universidades estrangeiras no Brasil. Eles criticam até mesmo a História do Ensino da Arte no Brasil por usar a terminologia dissidente Arte/

Educação ou Arte-Educação, pois procuram promover cópias culturais europeias. Esquecem que a Ditadura Militar nos obrigou a usar o termo Educação Artística como na Europa, Inglaterra e Estados Unidos. Usarmos a nomenclatura Arte Educação e nos autodenominarmos Arte Educadores é um ato simbólico e semântico de resistência. Paulo Freire apontou em seus livros o problema da colonização cultural introjetada inconscientemente pelo colonizado o que Nora Merlin⁶ vem chamando de “colonização inconsciente”, que vai além da colonização cognitiva e torna-se facilmente uma colonização emocional. Da mesma maneira intelectuais dos países colonizadores inconscientemente assimilam as estratégias colonizadoras ancestrais e perpetuam as atitudes colonizadoras embora racionalmente as critique. É o exemplo do que fizeram com a Abordagem Triangular⁷, na qual alguns europeus não conseguiram ver a influência de Paulo Freire e declararam ser cópia do DBAE americano, porque a acusação seria verossímil pelo fato de eu ter estudado nos Estados Unidos⁸.

Destruir a história do colonizado sempre foi o caminho mais fácil de dominação colonizadora. Insidiosamente este processo pode penetrar no inconsciente dos intelectuais dos países dominantes, embora teoricamente sejam descoloniais. O colonialismo é estrutural no diálogo entre nações de desenvolvimento econômico desequilibrado.. Desqualificar o colonizado e desacreditá-lo como criador de sua própria cultura é um vício cultural que perpetua a colonização. É necessária vigilância permanente do comportamento intercultural democrático para vencer esse vício inconsciente. A Abordagem Triangular tem ligação direta com a pedagogia freireana, em contato com as diferentes soluções pós modernas para o ensino da Arte, inclusive até com algumas soluções modernistas, entretanto culturalistas⁹, como as *Escuelas al Aire Libre* do México (1913-1932). Curiosamente, até encontrei no México em 2019 uma professora que usa a metodologia criada por Adolfo Best Maugard para essas Escuelas com muito sucesso

6 Nora Merlin, intelectual argentina desde sua primeira palestra em abril de 2019 no Congresso Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: colonialismo e questões de gênero, por mim organizado com a ajuda de representantes de todo o país, vem sendo muito lida e citada pelos arte/educadores decolonialistas no Brasil (ver Revista GEARTE <<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92906/53215>>)

7 Abordagem Triangular sistema de Ensino de Arte que inter-relaciona o Fazer Arte, a Leitura da imagem e do objeto, a obra ou o campo de sentido da Arte e a Contextualização, isto é demanda o ver, o fazer e a contextualização sem hierarquias. Não trata de disciplinas como DBAE, mas de processos.

8 Crítico o DBAE por ser disciplinar no livro *A imagem no ensino da Arte* (São Paulo: Editora Perspectiva, 1991) no qual lanço a Abordagem Triangular depois de quase 10 anos de pesquisas em locais diferentes. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por Analice Dutra Pillar e Denise Alcade com alunos de Escolas Públicas e Privadas, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo como mediação cultural e na Secretaria de Educação do Município de São Paulo no período que Paulo Freire foi Secretário de Educação continuando com Mário Cortella.

9 Em um Congresso em Sevilha, Juan Carlos Araño aventou a possibilidade de eu ter sido influenciada pelo *Critical Studies* de David Thistlewood, com o qual concordo, pois David esteve duas vezes no Brasil a meu convite eu era frequente participante de seus eventos profissionais.



Figura 8. Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e João Alexandre Barbosa na Semana de Arte e Ensino, Universidade de São Paulo, 1980. Acervo de Ana Mae Barbosa. Essa foto fez parte da Ocupação Paulo Freire no Instituto Cultural Itaú 2021.

e que me disse não ser a única. Um dos instrumentos colonizadores é a busca constante de novidade por parte dos professores de Arte.

Aliás é preciso destacar que a pesquisa para a construção da Abordagem Triangular começou e terminou sob a égide do pensamento de Paulo Freire, pois foi na Semana de Arte e Ensino de 1980, que ele chegando ao Brasil, de volta do exílio, ao proferir a conferência de abertura, lançou questões sobre as relações ambíguas entre opressores e oprimidos, que considere poderem ser iluminadas pela contextualização.

A *Semana de Arte e Ensino* foi o primeiro movimento redemocratizador junto com o Congresso da USP em 1980 e primeiro encontro de Educação do primeiro governo eleito de São Paulo depois de 20 anos de ditadura. Reunimos 3.000 pessoas no Campus da USP. A aula de Paulo Freire, que não fora anunciada, foi uma apoteose.

Antes das Comemorações do Centenário de Paulo Freire (2021) nunca falei publicamente da minha estreita relação pedagógica com Paulo Freire e D. Elza¹⁰ por receio de parecer que queria me aproveitar de seu prestígio. Em Recife, alfabetizei por dois anos crianças dos alagados do Recife com 100% de sucesso sob a orientação de Paulo Freire, combinada com o que aprendi em um estágio no Instituto de Educação do Rio de Janeiro sob orientação de Heloisa Marinho, irmã de Roberto Marinho, jornalista que criou a Rede Globo de Televisão. Na década de 1950

¹⁰ Dona Elza foi a primeira mulher de Paulo Freire, que era Professora, Diretora de Escola Pública, que muito o influenciou com suas ideias acerca de Arte e Alfabetização.

muitos educadores que se tornaram importantes eram jornalistas ou ligados ao jornalismo, inclusive Augusto Rodrigues o criador do Movimento Escolinhas de Arte. Hoje só escândalos levam a educação aos jornais.

Na Escolinha de Arte do Recife eu coordenava os estágios dos alunos das Escola de Belas Artes, onde Noemia Varela ensinava e Paulo Freire era professor de Filosofia. Dei aula para seus filhos; participei como professora de Cursos de Extensão quando ele era Diretor da Divisão de Extensão da Universidade do Recife. Até hoje participo da Comissão Editorial da Revista que ele fundou. Foi fechada pela ditadura e reeditada pelos gestores da redemocratização depois de 1980. Ele concebia Extensão Universitária como Educação Popular. Tempos depois, quando dirigi o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC), segui esta concepção política no Museu, que funcionava como uma verdadeira Escola Popular de Arte e Design para aqueles que não tinham tido o privilégio de terem sido alunos universitários ou cursar a Universidade de São Paulo. O MAC era a porta aberta da USP para os de fora dela, ampliando até mesmo os temas estudados ou interdisciplinarizando áreas separadas na Universidade, contando com muitos professores de fora do Brasil e da rede freiriana, portanto descolonizadores.¹¹

¹¹ Uso o termo descolonizadores, pois só depois da vinda de Anibal Quijano para o Instituto de Estudos Avançados da USP em 1992 passamos a usar o termo decolonização. Embora em 1992 eu tivesse começado a usar o termo decolonização, em 1993 o termo foi eliminado das bibliografias sobre museus, porque fui demitida do MAC pelos jornais, pois eu havia apoiado e feito campanha para eleição do candidato à reitoria que perdeu. O que venceu me demitiu.

Seis anos depois da Semana de Arte e Ensino, Freire, a meu convite, deu uma disciplina de Pós-Graduação sobre Arte e Política na linha de pesquisa em Ensino/Aprendizagem da Arte na ECA/USP. Para ele aceitar o convite D. Elza teve de convencê-lo e eu tive de concordar em dividir o curso com Freire, o que foi para mim uma grande dificuldade. Os 120 alunos estavam ali por ele e não por mim. Criei no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, com o beneplácito do seu primeiro diretor

(1986-1988) Carlos Guilherme Mota, um Grupo de Estudos sobre Museus e o primeiro convidado a discutir conosco as políticas culturais de museus foi Paulo Freire, que me deu excelentes ideias para democratizar o acesso aos museus, uma delas conversar com os sindicatos de diferentes profissões para descobrir o que poderia interessar ao universo dos trabalhadores e estimulá-los a expandir seus horizontes culturais.

Quando Paulo Freire foi Secretário de Educação do Município de São Paulo (1989-1991) promoveu uma ampla e democrática reestruturação curricular nos permitindo dar à Arte a mesma importância que às outras disciplinas. Isso havia ocorrido só em dois momentos da História da Educação no Brasil: primeiro em 1882/3 com a Reforma Rui Barbosa¹², nunca implementada, e com a Reforma Fernando de Azevedo em 1927, implementada, mas destruída pelas perseguições aos professores na ditadura de 1937 a 1945.

A convite de Paulo Freire assumi a coordenação da reorganização curricular de Artes, iniciei a pesquisa e Christina Rizzi prosseguiu brilhantemente. O grupo de Arte da Reestruturação Curricular de Paulo Freire era maior do que o de qualquer outra disciplina e ele sempre salientava este fato.

Foi a pesquisa mais extensa em relação ao número de participantes e aprofundada que fizemos antes de adotar a Abordagem Triangular em nossa prática educacional.

Já havíamos pesquisado a Abordagem Triangular no MAC por cinco anos, e por dois anos em escolas públicas e escolas privadas no Rio Grande do Sul. Agora tínhamos uma rede de ensino inteira de uma grande cidade aberta à pesquisa e à transformação. Paulo Freire apoiou nossa pesquisa e com a colaboração de muitos educadores com os quais continuo em contato profissional e afetivo até hoje, como Regina Machado, Maria Christina de Souza Rizzi, Joana Lopes, Isabel Marques, Marina Dias (Professora do Ensino Básico do Município de São Paulo naquela época), todos

12 Não é meu parente. O sobrenome Barbosa é muito comum. Rui Barbosa era jurista, foi senador e várias vezes candidato a presidente do Brasil.

os professores de Arte do Município foram atualizados e mais de 20 anos depois a rede de professores do Município era ainda a melhor do Brasil, a mais bem informada, a que mais produzia projetos interdisciplinares, a mais engajada socialmente, a mais forte conceitualmente.

Durante a pesquisa conversamos longamente sobre a equivalência da leitura de obras de Arte baseada na estética empírica que caracteriza a Abordagem Triangular e a leitura de obra de arte para o diálogo sobre a cultura dos seus alunos, que Freire sempre praticou desde a experiência de Angicos em 1963, quando encomendou ao artista Francisco Brennand pinturas que refletissem a cultura rural para servirem de base para seu diálogo com seus alunos da zona rural. Em seu trabalho em São Tomé (África) utilizou as pinturas do artista Freire da comunidade para estimular diálogos.

Interessava a Paulo Freire como base de seu sistema epistemológico começar a relação com os estudantes buscando conhecer através do diálogo o campo de referências



Figuras 9 e 10. Guaches do artista de Pernambuco Francisco Brennand, que servia de base para a discussão do conceito de cultura nos Círculos Culturais.

deles, o mundo em que viviam. A mediação para o diálogo era baseada em obras de Artes Visuais para ao mesmo tempo ampliar, enriquecer a percepção, o contexto, a conscientização acerca do mundo. A experiência de ampliação do campo de referências e da ação é o que ele chamava BONITEZA.

Boniteza está próximo do conceito de experiência estética de John Dewey, que ele conhecia muito bem. O primeiro livro que li de John Dewey, *Meu credo Pedagógico*, foi ele que me deu para ler quando eu tinha uns 20 anos. Boniteza expressa a ideia da experiência completa aquela que preenche o protagonista quer seja bem sucedida ou não, pois estimula outras experiências. O que a caracteriza como completa é o fato do protagonista ter colocado nela todo seu potencial cognitivo e emocional, seu empenho, seu desejo, sua energia vital.

A Abordagem Triangular é um sistema aberto, pois as escolhas são todas construídas no diálogo do professor com os alunos. A decisão do professor acerca das teorias analíticas é baseada no diálogo. Para a leitura cada um escolhe a linha teórica com a qual se identifica e que considere potencializadora da análise do aluno. Eu uso a Estética Empírica, mas no Brasil a Semiologia, a Semiótica, a Iconologia, a Estética da Recepção, a Crítica Genética, a Análise do Discurso e até a Gestalt são usadas com frequência.

A contextualização também depende da escolha do professor em diálogo com a cultura dos alunos e a cultura dos outros, as muitas disciplinas que estudam, outras Artes, o social, a imaginação humana, o meio ambiente, as ciências, a linguagem discursiva e todo um complexo de conhecimento, que a imagem pede no seu processo de significar para os indivíduos e os grupos leitores. A contextualização é “inter”, é a porta aberta para a interdisciplinaridade, a interculturalidade e a interação.

Quando Paulo Freire leu o livro através do qual lancei a Abordagem Triangular, *A Imagem no Ensino da Arte*,¹³ dialogamos explicitamente sobre o meu conceito de contexto para chegarmos à conclusão de que a ideia de contexto se equivale a ideia de conscientização, mas que a última tem um peso mais político. Ele achava que a escolha de contextualização se adequava melhor às minhas preocupações com a materialidade da forma e com a estrutura do pensamento visual. Realmente considero que a consciência do contexto é o primeiro passo para a consciência política. A política e a consciência de si mesmo fazem parte do contexto que queremos aclarar e analisar.

13 Esse livro foi minha tese de Livre Docência na USP, um título a ser conquistado depois do doutorado.

Paulo Freire foi da banca examinadora. Não só me deu nota dez como se reconheceu nele.

Nos últimos 30 anos educadores no Brasil têm analisado, reformulado, reorganizado, estendido a Abordagem Triangular para além da Arte em direção ou estudo das Ciências e até elegendo-a como sistema de pesquisa em geral, para suas teses.

Em outubro de 2021 foi realizado o II Congresso Internacional Online entre Arte¹⁴, Cultura e Educação com o tema Reconexões da Abordagem Triangular no ensino das Artes, que durou 10 dias. Foi frequentado por mais de 2.000 pessoas e apresentadas 40 proposições de trabalhos de ações educacionais através da Abordagem Triangular. A Revista GEARTE, dirigida pela Dra. Analice Dutra Pillar irá publicar um Dossiê com textos inéditos oriundos deste congresso. O Congresso foi organizado pela Dra. Fernanda Pereira da Cunha que escreveu o seguinte texto de apresentação, do Congresso

“Assim, a Abordagem Triangular perfaz uma rede sistêmica, por isto viva, orgânica, pulsante, flexível, enlaçando as mais diferentes possibilidades de apropriações no processo de construção do [re] conhecimento pleno auto governativo, libertário, promovendo o desenvolvimento da capacidade de leitura crítica do mundo, nos diferentes contextos históricos-culturais.

A Abordagem Triangular é concebida na inter-relação de uma tríade indissociável - leitura da imagem, da obra de arte e/ou do campo de sentidos da arte, contextualização e fazer artístico, relacionando-os com ações mentais concomitantes: informação, decodificação e produção, conduzindo ao questionamento, chave motriz para acionar o processo cognitivo/perceptivo sincrônico; centra-se na mente comprometida com a solução de um determinado problema, submersa num ambiente simbólico, promovendo uma complexa elaboração de pensamento, na busca pela resposta significativa (ideia/signo) que responda ao problema em questão.”

Annelise Nani da Fonseca, Ana Flávia Tavares de Melo, Fábio de Castilhos Lima, Fernanda Pereira da Cunha, Fernando Antônio Gonçalves Azevedo, Glacy Antunes de Oliveira, Márcio Penna Côte Real e eu trabalhamos numa pesquisa sobre a Abordagem Triangular feita com 1009 pessoas que aceitaram responder um longo questionário na ocasião da inscrição para o Congresso. Essa pesquisa foi publicada na

14 Para acessar os registros do congresso II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação acesse o link < <https://portalinterneteduca.com/mao-na-massa-2021/> >.

Revista GEARTE, v. 9, 2022¹⁵.

Mas continuo a me perguntar: Como destruir o Colonialismo e instaurar o diálogo internacional? Como evitar na Arte e na Educação a imposição de ideias fora do lugar? De que revolução em Arte/Educação estamos precisando? Como identificar o Colonialismo Cultural e emocional aliado a questões de gênero, raça, classe social e códigos hegemônicos de Cultura? Que História da Arte queremos conhecer e que História do Ensino da Arte estamos construindo? Como promover Epistemologias Pedagógicas Decolonizadoras? Como estimular leitura de Imagens da Arte que não obedecem ao código europeu e norte americano branco inoculado pelas universidades? Como estimular políticas culturais e consciência decolonizadoras?

Só tenho uma certeza momentânea: Eu estou interessada em desenvolver em meu país - na situação atual de destruição educacional¹⁶, os modos de ensinar e aprender Arte aliados ao pensamento freireano, embora reorganizados, reapropriados, retransformados, resignificados, recontextualizados constantemente pelas contingências dos novos tempos e pela diversidade de vida das crianças, adolescentes e adultos aprendizes.

A Abordagem Triangular que construí em contaminação com as ideias de Paulo Freire, que me conquistaram para a Educação, estão aí para serem reorganizadas, reapropriadas, retransformadas, resignificadas, recontextualizadas, por cada professor que por elas se interessar.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e Prática da Educação Artística*. SP: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no Ensino da Arte*. SP: Editora Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA Fernanda Pereira da. *Abordagem Triangular nas Artes e nas Culturas Visuais*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Vitoria. *Mulheres não devem ficar em silêncio*. São Paulo: Editora Cortez, 2019.

BARBOSA, Ana Mae; FONSECA, Annelise Nani da; MELO, Ana Flávia Tavares de; LIMA, Fábio de Castilhos; CUNHA, Fernanda Pereira da; AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves; OLIVEIRA, Glacy Antunes de; REAL, Márcio Penna Côrte. *Desafios emergentes para o ensino de artes:*

o II Congresso Internacional online entre arte, cultura e educação no contexto das reconexões da Abordagem Triangular. em Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 9, 2022. (Dossiê Abordagem Triangular: 30 anos) < <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/128425> >.

ECA-USP. Programa da Semana de Arte e Ensino, setembro, 15/19 de 1980.

FINKELPEARL, Tom (Org.). *Dialogues in Public Art*. Cambridge: MIT Press, 1999, 25 artistas (livro dedicado a Paulo Freire com entrevista).

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. SP: Editora Unesp, 2001, 38 colaboradores.

FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *Testamento da Presença de Paulo Freire: O educador do Brasil*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021. 30 colaboradores.

FREIRE Paulo. *Extensão e comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1977

LEITE, Álvaro Pantoja. *Paulo Freire e Arte Educação: considerações sobre a estética freiriana e a arte na educação/formação*. Revista Educação Sociedade e Culturas. Pags. 85 a 103

https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC54_ALeite.pdf Consulta em 1/6/2021.

LIMA, Sidiney Peterson F. de. *Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história*. IA-UNESP, (Dissertação de Mestrado). 2014

GADOTTI,, Moacir. *Extensão Universitária: para quê?* https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf

MERLIN, Nora. *Colonização da subjetividade e neoliberalismo em Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. 2, maio/ago. 2019. (número especial sobre o Congresso de Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: colonialismo e questões de gênero SESC/SP Abril 2019. < <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92906/53215> >*

¹⁵ Para acessar esta publicação acesse o link da Revista GEARTE v.9, 2022 < <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/128425> >

¹⁶ Em três anos o governo Bolsonaro teve 5 Ministros da Educação e cada um pede demissão ou é demitido com escândalos que vão do forjar curriculum vitae à corrupção econômica.